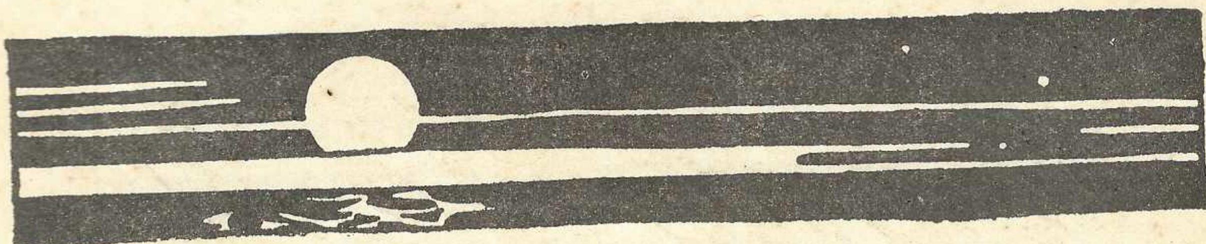
Bem-Te-Vi

ANO XVIII

NUM. 1



Janeiro de 1940



O DIA DE HOJE

O relógio marcava 5:30. Um negociante espreguiçou-se mas ficou deitado por um momento, pensando. Disse a si mesmo: "Como tenho sido feliz em tudo. Comecei a vida muito pobre, e sem auxílio de ninguém tenho ganho uma fortuna. Quem sabe si dentro de poucos anos não posso conquistar tesouro fabuloso? Hoje mesmo eu quero..." parou, porém, assustado, seus pensamentos interrompidos pela figura de um estranho que lhe apareceu na porta. Êste encarou o negociante e convidou-o:

— Venha comigo.

— Quem é o senhor? indagou o homem.

— Eu? Eu sou o DIA DE HOJE. Vamos trabalhar. Podemos juntos, fazer muitas cousas, respondeu o estranho.

— Quais as cousas que podemos fazer?

— Cousas boas, cousas lindas, disse o estranho que se chamava DIA DE HOJE. Vamos. Seu melhor amigo está muito doente, e uma visita do senhor lhe traria grande alegria. Há anos que o senhor não visita sua irmã. Ela é tão pobre e triste. Podemos parar na cidade e comprar presentes para suas criancinhas. Coitadas, elas não têm pai para lhes dar presentes. Podemos também dar um passeio pelos campos onde o senhor e seu irmão costumavam brincar juntos, em pequenos. Quanto tempo faz que não o vê? Êle está em casa agora e dizem que quer começar a sua vida de novo, e ser reto e bom. Poderiamos dar-lhe a mão e ajudá-lo. Êle ficaria alegre em vê-lo e gostaria de perdoar-lhe os longos anos que o senhor tem deixado passar sem procurá-lo, como também de perdoar-lhe o coração duro que mostrou para com suas fraquezas. Poderiamos depois disto...".

—Que tolice é essa? perguntou o negociante, interrompendo o estranho. Tôdas estas cousas gostaria de fazer e espero aínda fazer em hora oportuna, mas não vou com você HOJE. Agora com seu auxílio, HOJE, quero tratar de um negócio que me pode dar um lucro de cem contos de réis. Venha comigo e vamos trabalhar em vez de falar em absurdos.

Os dois sairam e ficaram trabalhando enquanto as horas passavam, até que chegou o tempo para HOJE se retirar. Olhando então para o homem, disse:

— Adeus, meu amigo.

— Adeus, mas porque está olhando tão triste para mim? Pretendo fazer tudo que você disse, mas não convinha hoje. Em um outro dia você voltará e o faremos juntos.

HOJE, porém, sacudiu a cabeça e respondeu:

— Comigo não o fará nunca, meu amigo. Pois nunca eu, o DIA DE HOJE, voltarei. Adeus.

E passando pela porta o triste DIA DE HOJE encontrou-se com a sombra da Noite que vinha entrando.

L. R.

Bem-Te-Vi

ANO XVIII ★ REVISTA MENSAL — matriculada conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934. ★ NUM. 1

Gerente responsável: — Fernando Buonaduce
Redação: Av. Condessa de São Joaquim, 155
Oficinas: Rua da Liberdade, 659
Assinatura anual 10$000
Número avulso . 1$000

Tôda a correspondência deve ser enviada à Gerência do "Bem-Te-Vi"—Caixa Postal, 3120—S. Paulo

Diretor: Afonso Romano Filho
● São Paulo, Janeiro de 1940 ●
Redatora: Antonieta Gonçalves Gilioli



Ei-lo que chega, risonho e prazenteiro! Tão sorridente e disposto vem, que inspira confiança e coragem. E' o Ano Novo! Tocando trombeta, cheio de esperança, traz promessas de dias melhores, dias de menos dor e tristeza.

E que quer dizer do Ano Velho? Velho mesmo, de barbas tão brancas e compridas! Vejam seu semblante. Tão triste, coitado! Por que? Terá êsse mesmo fim o infante 1940? Causa dó, só em pensá-lo. Mas, por que vai tão triste o 1939? Não teria êle cumprido fielmente sua missão? Teria perdido algum dia? Deixara porventura de trazer-nos algumas horas ou minutos? Não! Êle viera sem atraso e sem perda de um segundo sequer, durante o ano todo. Sua tarefa, levou-a até ao fim. Mas, então, por que vai assim triste?

Ah! meus bem-te-vistas! Vejamos a razão de sua dor. Escutem bem.

E' que os seus momentos preciosos que *nunca* mais voltarão, foram desperdiçados por muita gente pequena e grande.

Muitas crianças não aproveitaram devidamente as oportunidades que tiveram para "crescer em estatura, em sabedoria e em graça diante de Deus e dos homens".

E os já crescidos, não todos felizmente, deixaram de aproveitar as oportunidades para beneficiar o próximo, amando-o como a si mesmos, antes, lhe quiseram mal.

Todavia, o Ano Velho passa e o Ano Novo chega e com êle novas oportunidades, novas resoluções.

Que os bem-te-vistas façam o propósito de não entristecer êsse rostinho tão bonito e alegre de 1940. Sejam bons amigos dêle durante o ano inteirinho e muitas bênçãos êle lhes trará.

Viva o Ano Novo! Viva!

Amelinha



Quando Amelinha voltou do recreio, encontrou em sua carteira ao lado do lapis e borracha, uma coisa nova — uma caneta! Uma linda caneta preta! E no buraco que por tanto tempo estivera vazio, um tinteiro! E no tinteiro, tinta preta! Afinal chegava o dia de escrever com tinta!

Agora que estava no 2.º ano as coisas eram diferentes, as lições, mais difíceis, mas, *escrever a tinta* era com o que a classe tôda sonhava.

O prémio aos que escrevessem bem era ir mostrar a caligrafia à d. Laura, sua ex-professora no primeiro ano, e dela certamente ganhariam um abraço e palavras de louvor.

No quadro-negro ja estava a sentença: *Sê bom e serás feliz.*

Logo que as crianças se acomodaram em suas carteiras, d. Olinda, a professora do 2.º ano, disse:

— Carlos, distribua as penas. Olga, você pode passar os mata-borrões.

Amelinha recebeu a pena e o mata-borrão com alegria indescritível. Faltava agora a folha de papel. Nem bem a recebeu, molhou a pena na tinta preta e começou.

Mas o bico da pena enroscou no papel e espirrou tinta na folha, tão branquinha.

Olhou de soslaio para Dulcinha, de cabelos crespos e olhos azues. Amelinha a apreciava tanto que sempre pintava sua boneca com olhos azues e cabelos loiros como os da amiguinha. Dulce aínda não tinha começado a escrever.

— Por que você não começa?, cochichou Amelinha.

— Vou sair cedo, às 3½ hrs, foi a resposta.

Era uma coisa mágica esta de Dulcinha sempre sair cedo. Ela vinha à escola com ares de importante e no período em que as lições pareciam tão compridas que até provocavam sono, ela arrumava seus livros e saía, dando uma última espiada ao passar pela janela.

Mais do que nunca Amelinha invejava a colega. Às 3 ½ hrs. seus dedos estavam sujos de tinta e o papel todo borrado. Tinha na testa u'a mancha de tinta e caretinhas nas unhas da mão esquerda, enquanto que Dulcinha já estava lá fora, tendo apenas principiado a caligrafia.

— Isso não é justo, cochichou Amelinha ao ouvido da menina que se sentava à sua frente.

D. Olinda ergueu a cabeça e disse:

— Se eu ouvir mais algum cochicho a classe tôda ficará presa por 10 minutos depois do sinal.

Nesse dia nenhum papel estava em condições de ser levado à d. Laura.

No dia seguinte, pouco antes de ir à escola, Amelinha pediu à vovó ar-

escreve com tinta

ranjar-lhe um pedaço de flanela para usar na escola como limpa-penas.

— O' coraçãozinho, então você já está escrevendo a tinta? Não acha divertido?

Amelinha não achava tão bom assim como vovó dizia. Bastava pensar no "S" maiúsculo que não saía direito e nos borrões de tinta, para perder todo o entusiasmo. Pensou outra vez em Dulcinha. Será que hoje ela vai novamente livar-se daquela hora enfadonha?

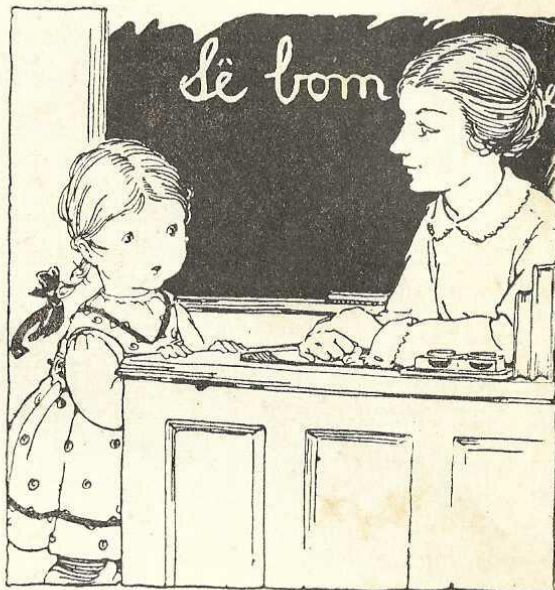
— Pronto! disse vovó que estivera procurando numa gaveta. Um lindo pedaço de flanela, veja! Mas hoje quando eu e o vovô formos à cidade vou comprar-lhe um limpa-penas já pronto.

Como Amelinha gostava de ir à cidade de *charrete* sentada entre vovô e vovó!

Pegou a bolsa para ir à escola. Ao sair, viu vovô no alpendre e lhe perguntou:

— A que horas o senhor e vovó vão à cidade?





— Às 3 ½ hrs., benzinho. Por que está com essa carinha tão triste?

Mas Amelinha não respondeu e saiu.

Enquanto caminhava para a escola, veio-lhe um pensamento que a fez corar.

Entrando na sala, foi direito à mesa e disse à professora:

— D. Olinda, hoje preciso sair às 3 ½ hrs. (Os papeis para caligrafia eram distribuídos às 3 hrs e 25 m.).

— Você trouxe justificação? perguntou d. Olinda.

Amelinha segurou-se à mesa. Não sabia que era preciso isso. "Será que Dulce traz?", foi o seu pensamento. Houve um momento de silêncio em que d. Olinda a olhava fixamente.

— Está bem, disse a professora bondosamente, você pode ir.

Amelinha foi sentar-se mas não se sentia bem; parecia doente; estando doente era certo que a mamãe havia de deixá-la sair cedo.



E com que contentamento não haveria de sair muito risonha às 3 ½, diante de tôda a classe!

Na aula de leitura, d. Olinda disse:

— Vamos ver, quem será a professora hoje?

Todos sentaram-se de ombros erguidos, esperançosos, ansiando por ir à frente.

D. Olinda passou os olhos pela classe e disse, pousando-os sôbre Amelinha:

— Hoje é você, Amelinha, que vai sair cedo; pode vir sentar-se à minha mesa.

Mas Amelinha não ficou alegre como era de se esperar. Não queria olhassem para ela, por isso ficou todo o tempo com o livro erguido diante do rosto.

Depois veio o recreio, mas ela não quis brincar como de costume. Ficou todo o tempo sentadinha no último degrau da escada com o queixo nas mãos. D. Laura, a professora tão querida do 1.° ano, veio sentar-se ao seu lado e passando-lhe o braço pelo ombro, disse:

— E pensar que esta é a menina que me pertencia no ano passado! Agora está tão crescida e até já escreve com tinta! Como é, Amelinha, é você que vai hoje mostrar-me seu papel? Hein?

Amelinha desviou o olhar para não chorar.

Às 3 ½ hrs. quando ia sair, parecia que todos os olhos estavam cravados nela. Dulcinha cochichou:

— Que sorte a sua, hein?

Nunca o caminho de sua carteira até à porta lhe pareceu tão comprido!

Uma vez na rua, começou a pensar que já não parecia ser tão bom sair cedo. Andou uns dois quarteirões e avistou o vovô que vinha vindo.

— Helô, benzinho, disse êle. Por que vem cedo hoje?

— Acho, penso que não me sinto muito bem.

Parecia que o vovô estava à sua espera para irem à cidade. Seu rosto tinha uma expressão triste.

— E também porque eu queria... disse em voz baixa, entrando em casa e fugindo dos olhos do vovô.

Precisava quanto antes encontrar mamãe e falar-lhe de sua dor íntima. Procurou-a pela casa inteira, indo encontrá-la na cozinha.

Minutos depois ouviu o vovô e a mamãe conversando no terraço. Mamãe exclamava:

— Oh, não, não!

E vovô, pousando a mão sôbre o ombro dela, dizia: — Sim, ela precisa aprender.

Amelinha notou que sua mãe enxugava lágrimas. Vovô entrou em casa e disse:

— Vamos, Amelinha.

Desconfiada a menina o seguiu. Que iria êle fazer? Vovô não dizia nada. Parecia muito triste e segura-

va sua mãozinha bem apertada. Quando sairam à rua, Amelinha compreendeu tudo e começou a chorar.

— O' vovô! Por favor, não me faça voltar à escola.

Vovô tirou do bolso um lenço grande e limpou-lhe os olhos e o nariz; depois continuou o caminho. Chegando à porta da escola, disse-lhe bem sério:

— Agora vá direitinho para o seu lugar enquanto vou falar com d. Olinda. Sim, filhinha, você vai, você precisa ir.

Com lágrimas a lhe escorrerem pelas faces, Amelinha atravessou a sala e foi para o seu lugar.

Ela sabia que tôdas a encaravam e o que pensavam. Era grande o silêncio que reinava.

Que faziam os alunos?

Amelinha destapou um ôlho e espiou. Parecia 100 anos terem passado desde que os deixára e, no entanto, aínda estavam escrevendo com tinta. Havia no quadro a mesma sentença do dia antes. Com soluços abafados, ela pegou na pena.

Mas, que transformação! Saía uma letrinha linda mesmo. Dez minutos mais e seu rostinho já estava risonho embora os olhos, vermelhos.

Sentou-se melhor na carteira e sorriu para Dulcinha.

Terminada a aula, d. Olinda chamou-a para perto de si e, segurando seu queixinho, olhou-a, bem nos olhos.

Desta vez, entretanto Amelinha pôde retribuir-lhe o olhar. Atirando-se aos seus braços, disse:

— Eu já sei escrever com tinta, não sei? A senhora viu meu papel?

D. Olinda olhou os papeis. Examinando com mais cuidado o de Amelinha disse-lhe:

— Muito bem. Hoje você é quem vai mostrar o papel a d. Laura.

Que coincidência! A sentença era a mesma:

Sê bom e serás feliz.



O AVARENTO E A MOSCA

Um avarento apanhou uma mosca e a pôs dentro do açucareiro, tendo o cuidado de tampá-lo imediatamente.

— Para que isso, perguntou-lhe o amigo que o observava.

— Psiu, segredou-lhe o miserável, quero ver se os empregados roubam meu açúcar.

As Luvas de Ouro

Margarida estava sentada perto da janela, contemplando a chuva que caía. Sua tia Helena costurava a uma mesa perto da menina.

— Oh! como desejava ser uma Fada ou possuir um anel mágico ou qualquer outra cousa! — disse Margarida.

— Não sou Fada, nem tenho anel mágico, mas posso dar-te um par de luvas de ouro, disse tia Helena.

— Luvas de ouro? Onde as tem, tia Helena?

— Vê! — disse a tia, e ao tirá-las foi dizendo: "Fazei-vós-aos-homens-como-quereis-que-êles-vos-façam".

— Oh! é parecido com um verso que aprendi na Escola Dominical, um verso da Bíblia!

— Mas, essas luvas são mágicas, e a cousa mais interessante a respeito delas é que caem imediatamente quando se faz alguma cousa má.

— E' verdade? Posso calça-las? Faça o favor de mostrar-me como.

Então tia Helena mostrou-lhe de que modo e Margarida calçou-as:

— "Fazei-vós-aos-homens-como-quereis-que-êles-vos-façam".

Felizmente parou de chover e Margarida correu para a rua afim de brincar com Luiza.

— "Estou muito contente porque posso sempre calçar as minhas luvas", pensou Margarida consigo.

Assim que ela se foi aproximando do portão, ouviu alguma cousa dizer assim: "Miau! Miau! Miau!" Correu os olhos ao redor de si e viu um gatinho. Que acham vocês que acontecera? Alguém por maldade lhe tinha amarrado uma lata à cauda, e o cordão estava tão apertado que quasi cortava o rabo do pobre animal. E Margarida pensou:

"Se eu estivesse ferida, quereria que alguém me curasse" e assim ela livrou o gatinho, desamarrando o cordão que o maltratava. Em paga êle rosnou e roçou-se várias vezes nas pernas da menina.

— "Creio que hei de gostar das minhas luvas de ouro" — pensou Margarida. Após êsse gesto de caridade, foi brincar com Luiza. O nené estava dormindo na sala de brinquedos, de modo que elas tiveram de ir brincar no quarto da vóvó em outro andar. Emquanto se ocupava com as bonecas, Margarida notou que a vóvó estava sentindo falta de alguma cousa.

— Que está procurando sua avó, Luiza?

— Com certeza são os óculos, ela sempre os perde—respondeu Luiza, indo direitinho brincar.

Margarida pensou: "Se eu fôsse velha e perdesse meus oculos, ficaria satisfeita se alguém os procurasse para mim". — Mais rápida que um abrir e fechar de olhos, Margarida achou os óculos na cesta de costura da vovó e lh'os entregou.

— Como você é atenciosa, meninazinha! disse a vóvó.

E Margarida tornou a pensar: "Sempre hei de gostar das minhas luvas de ouro". Estava quasi na hora do almôço, então Margarida foi para casa. Depois do almôço, mamãe disse:—"Eu gostaria de ir à Sociedade de Senhoras à tarde, mas pelo tempo que vou gastar lavando os pratos e varrendo a casa, chegarei muito tarde.

Em que teria pensado Margarida primeiro? Certamente em suas luvas, não é?

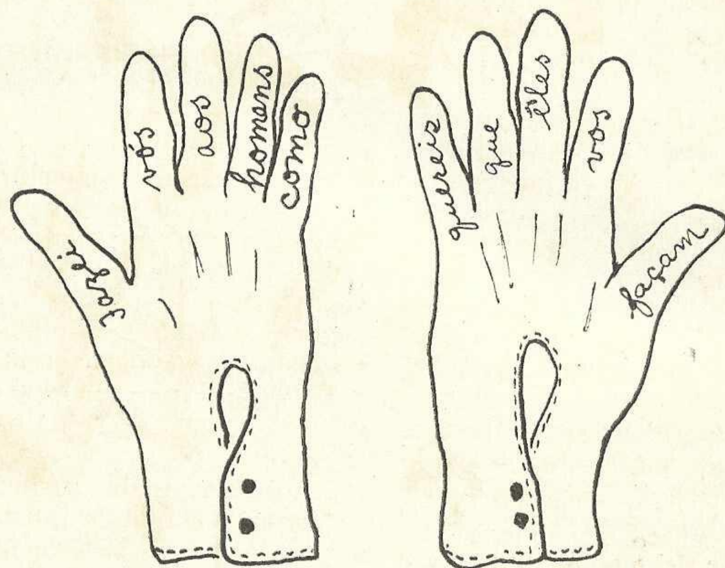
— "Se eu desejasse ir a algum lugar, ficaria muito alegre se minha meninazinha pudesse lavar os pratos e varrer a casa para mim"—pensou ela. E logo disse à mãe: "Mamãe, eu farei êsse trabalho para a senhora". A tia Helena sorriu.

— Margarida lavou os pratos com as mãos calçadas de luvas de ouro e elas não se estragaram, nem um pouquinho. E a menina ocultava no íntimo êsse pensamento: "Oh! como amo minhas luvas de ouro! Uma vez

cairam de repente quando eu dei um ponta-pé no livro de meu irmão, mas calcei-as de novo e confessei-lhe que estava arrependida. Mais tarde quando papai viu quem tinha procurado o paletó para êle, disse: "Tem você umas luvas de ouro que me sirvam? Hoje tive horas difíceis em meus negócios". Respondi-lhe: Pois não, papai, e calcei-as conforme o costume.

Mamãe, vendo a mesa posta, disse: "Como desejava possuir também umas luvas de ouro! Então Margarida mostrou-lhe como calça-las: "Fazei-vós-aos-outros-etc. Ao mesmo tempo gritou de um canto o irmão: "Calça-me algumas luvas de ouro, maninha". E Margarida respondeu — "Oh! nós somos uma família de luvas de ouro".

Querem vocês um par também? Façam assim: "Fazei-vós-aos-outros-o-que-quereis-que-êles-vos-. . .



As Luvas de Ouro

BRINQUEDOS E JOGOS

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Quem está dirigindo a brincadeira faz uma lista de perguntas engraçadas e interessantes (mas inofensivas).

Distribuem-se uma folha de papel e um lapis a cada criança para se escreverem as respostas, quaisquer.

Tendo terminado, faz-se a leitura das perguntas e respostas. O resultado é muito engraçado.

Podem-se fazer perguntas como estas:

1. Onde você nasceu?
2. Qual é sua maior ambição.
3. Por que não foi à escola hoje?
4. Onde está seu lenço?

CORRIDAS DAS LARANJAS

Faz-se como com o brinquedo das batatinhas, mas com a diferença de se carregarem laranjas e **nas costas** das mãos.

QUE FARIAS TU?



A SÁBIA ESCOLHA DO REI

Há muito, muito tempo, num país longínquo, era costume o rei escolher de 25 em 25 anos, um cidadão para ser o seu Ministro. Esta escolha recaia sempre sôbre aquele que houvesse dado mais provas de heroismo e lealdade. Era uma escolha pela qual todos esperavam ansiosos, pois o escolhido, além de ser cumulado de riquezas ,tinha a grande honra de ser chamado o Ministro do Rei. Por essa ocasião eram grandes os festejos e todos se regozijavam.

Aproximava-se a grande data; venciam ja os últimos dias de Gastão, que por 25 anos estivera ao lado do rei por ter sido seu defensor valoroso. Mas desta vez, grande agitação reinava entre o povo, pois, como poderia ser eleito o lutador mais nobre e heroi se durante os 25 anos não houvera uma luta sequer? Como? era a pergunta que passava de bôca em bôca.

Na pequena aldeia de Beldia, lá entre as montanhas, um grupo de pessoas humildes estava à noite reunida no poço de onde iam tirar água. A conversa girava em tôrno do mesmo assunto — a escolha.

— Com certeza êste ano ninguém será escolhido, disse um. Não há heróis sem guerreiros e nem guerreiros sem guerra. Isto é tão claro como o dia.

Enquanto assim falavam, aproximou Anton, o médico, montado em seu cavalo. Vinha cansado, empoeirado e ofegante, pois havia andado boas léguas. Apeou, puxou água para o animal e matou sua sêde. Depois, dirigindo-se ao grupo, disse:

— O' meus amigos, tenho novidades a contar. Ouví coisas exquisitas, talvez até nem acreditem, pois eu mesmo não sei se merecem crédito.

Acercaram-se dêle todos, curiosos; estimavam-no muito, pois a fama de sua bondade já se havia tornado proverbial.

— Que notícias traz? Diga-nos.

— Lá em Votau, começou Anton, encontrei um homem que se dizia autorizado a contar que a escolha êste ano seria feita como sempre.

— Impossível! Oh! Eu não acredito, pois não houve nenhuma guerra e os herois são guerreiros e combatentes!

E todos protestaram contra a possível veracidade daquela notícia.

Quando se acalmaram um pouco o bom médico continuou:

— Isso não é tudo.

Aproximaram-se aínda mais dêle para não perder uma só palavra.

— Ouví o emissário dizer que a escolha seria feita dentro de poucos dias e que seria em nossa aldeia!

— Histórias! Isso nunca! E' prosa dêle! E' troça que fizeram com o senhor! Que mais não se há de ouvir?

Anton sorriu apenas, ao ouvir suas exclamações. Depois disse:

— Bem, isso foi o que ouví, mas não precisam acreditar, pois eu mesmo não sei se acredito. Boa noite, preciso ir adiante.

Montando o animal, ia já partir, quando um do grupo, adiantando-se perguntou:

— Andou muito hoje?

— Se andei! Bem para lá da cabana de Afonso, perto dos confins da campina. Seu filhinho estava passando mal.

— Êle deve ter-lhe pago bem, pois não é brinquedo como o senhor chegou cansado e abatido.

— O homem é pobre. Como poderia eu pedir-lhe pagamento?

— Que? Trinta kms. de estrada péssima para não receber um tostão?

Um raro olhar de felicidade brilhou no semblante do médico.

— Não, respondeu, sem recompensa não. A criança vai ficar boa.

E, esporeando o animal, seguiu seu caminho.

Não demorou muitos dias e o povo daquela aldeia viu que verdadeiras tinham sido as palavras do médico ao pé do poço. Um arauto passou pela cidade anunciando a chegada do rei.

O povo reuniu-se no jardim. Grande era o alvorôço e mui profunda a comoção. "Que iria fazer o rei? Que palavras teria àquela gente humilde? E, **quem** seria o felizardo desta vez?"

As cornetas começaram a tocar.

O rei vinha chegando, em sua linda carruagem puxada por oito cavalos pretos e lustrosos, com penas enfeitando suas cabeças. Descendo da carruagem o rei tomou

o lugar de honra que os aldeões lhe haviam preparado.

— Trazei-me Anton, o médico, foi a sua primeira ordem.

Dentre o povo subiu um grito: "Anton! Anton!" Mas ninguém respondeu. Disseram então ao rei que Anton não estava lá.

— Como? Não está aquí para a chegada do rei?

E o rei mostrou-se contrariado com isso.

Finalmente um homem disse haver visto Anton a cavalo, pouco antes da chegada do rei, deixando a aldeia e indo em direção ao campo.

Imediatamente foi um homem enviado a buscar Anton, enquanto o rei esperava em silêncio e o povo, estupefato, não sabia o que pensar.

Mais um pouco e ouviu-se o galopar de cavalos e logo depois apareceu o encarregado do rei acompanhado por Anton, montado em seu humilde cavalo marron. O bom médico apresentou-se ao rei que o encarou muito sério:

— Então não estavas aquí quando cheguei, não é? Sabias que eu estava para vir?

— Sim, magestade. Vi o arauto e ouví suas palavras.

— Então por que não ficaste aquí para dar as boas vindas a teu rei?

— Recebi o chamado dum camponês que sofreu uma fratura, caíndo duma rocha. Precisei atendê-lo com urgência.

— Que! exclamou o rei. Saiste atender a um simples campônio ao invez de ficares para ver teu rei? Que lealdade é esta?

— O homem estava gravemente machucado e o caso era urgente.

— Com certeza recebeste boa quantia como recompensa, replicou o rei de modo indagador. Vamos, mostra-me o ouro que ganhaste.

Anton, olhando nos olhos do rei, disse:

— O homem era pobre e não tinha ouro para me dar. Nada recebi.

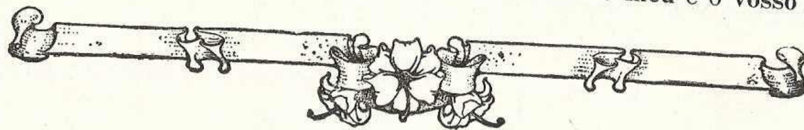
Enquanto isso, o povo, de pé, já se impacientava. Não estavam alí com o fim de ouvir semelhante diálogo. Queriam é saber quem seria nomeado o Ministro do rei.

E o que não esperavam, aconteceu. O rei, deixando Anton, virou-se para o povo; suas maneiras eram outras. Seu rosto tomou uma feição calma e suas palavras foram eloquentes.

— Meus leais subditos, tendes pensado que nenhuma escolha seria feita por não termos tido guerra nestes últimos 25 anos; praza aos céus que nos 25 anos seguintes também possamos viver em paz e prosperidade. Pensastes que sem guerra não haveria herois. Como estais enganados! Herois, há-os em todos os tempos. Por meses meus homens têm estado à procura dêles e encontraram muitos — herois da paz. Mas o homem considerado o mais nobre de todos, mora em vossa aldeia. Quereis saber quem é? Bem vejo como estais ansiosos. Ei-lo, pois, diante de vós. Aquí o tendes.

O povo olhava de olhos arregalados. À frente só havia o rei e Anton, o homem que acabara de ser repreendido. Mas o rei continuou:

— Sim, digo-vos que êle está diante de vós. Anton, bom médico, vem para frente. Êste é o meu escolhido. Êle nunca foi à guerra; êle nunca pelejou numa batalha. Êle nunca matou um homem, antes tem salvado a vida a muitos. Vós já o conheceis e sabeis como êle entra em vossas casas, levando o confôrto e a cura, caminhando por montes e vales, tanto de dia como de noite, com sol ou com chuva, esquecendo-se completamente de si para atender aos que estão sofrendo. Ainda agora, quando todos esperavam seu rei, Anton estava ausente no exercício da caridade, pondo o dever de socorrer aos doentes acima do de prestar honras aos superiores. Aquí tendes, povo meu, o Ministro do rei. Êste é o meu homem. Aldeões! Vêde o **meu** e o **vosso** heroi!



PETISCOS para os Bem-Te-Vistas

BOLO DE VENEZA

6 claras
1 col. de fermento
2 ch. de açúcar
1 ch. de leite
2 col. de sopa de manteiga
3 col. de sopa de chocolate
8 col. de far. de trigo.

GLACÊ

1/4 ch. de leite, engrossa-se com açucar e caldo de limão.

Ano Novo!



Letra de
ANTÔNIO C. GONÇALVES

Música de
FABIANO R. LOZANO

Allegretto grazioso (♩ = 112)







Propriedade reservada

10 12

-i, qual lindo in - fan - te, a - bre a por - ta, vai che - gar: é ja-

14 16

-nei ro, mês ra - dio - so, traz-nos fes - ta, quer brincar! Brinca-

18 20

-re - mos com fes - tan-ça, pois, ja - nei - ro é nos - so ir - mão: so - mos

cresc. 22 *rall.* 24 *f*

do ze na fa - mi - lia, mas só - mente um co - ra - ção!

cresc. *rall.* *f* *sf*



ADORAÇÃO EM CASA — AGORA MAIS DO QUE NUNCA

Tinha sido uma daquelas semanas de correria em que todos correm, sobrecarregados de trabalhos e obrigações. Até os menores de 12, 10 e 8 anos tinham suas reuniões. E' o que a vovó chamava de "**completa confusão**".

Na sexta-feira a tensão nervosa da família era tão forte, que todos se irritavam por coisinhas de mínima importância.

— Por favor, vamos — estamos com 5 minutos de atraso.

— Está bom, não precisa falar, porque ontem você me fez esperar 10 minutos!

— Eu não—eu já estava pronta e, como não sabia que você também já estava, fui recordar minha lição de piano.

— Enquanto vocês discutirem aquí eu não posso aprontar-me.

Afinal falou a mãe:

— Olhem aquí, crianças, já estou cansada de ouvir êsse **bate-bôca.** Como é, não param?

Sábado à tarde a mãe avisou: Hoje vamos jantar um pouco mais tarde. Preciso sair uns minutos.

E trocando de roupa foi a casa de sua mãe. Tão amolada estava que a mãe, ao vê-la, quasi derrubou o bolo que acabava de tirar do forno, de tanto susto.

— Que é isso, Rute? Que aconteceu?

— Nada de assustar, disse Rute, rindo, mas um tanto desajeitada. Venho incumbí-la de um trabalho de grande responsabilidade; mas como tenho de estar em casa daquí a meia hora, restam-lhe apenas 20 minutos para desempenhar sua missão de dizer **o que está errado em minha casa.** Ou melhor, dizer **como remediar**, pois eu sei o que não vai bem.

— Então, diga-me primeiro onde está o êrro, sugeriu a senhora já idosa, mas de fisionomia alegre.

— Eu sei, mas dizer não é tão fácil. Penso que não está bem afinada — às vezes muito agudo e estridente; o compasso muito acelerado. Não há calma nem serenidade.

— E' a grande falta da geração nova, disse-lhe a mãe um tanto melancólica.

— Eu compreendo. Estamos todos muito sobrecarregados, até as crianças. Mas para elas estes interêsses — escola, igreja e sociedade — fazem bem, inda mais que não podemos subtrair-nos à nossa idade. Só o que está em minhas fôrças é cuidar para não excederem nessas preocupações, entretanto, às vezes, é impossível. O que eu **devia** fazer e no que estou falhando, é tornar a minha casa um lugar de bonança, um aconchego sereno. Alí, pelo menos alí, deveria haver paz, renovação de fôrças e bem-estar. Deveria haver alí amizade e um pouco de tempo para estarmos juntos, mas não há. A correria e atropelação, o excesso de deveres sociais e as obrigações tomaram conta de minha casa também. Estamos ficando nervosos e impacientes.

Diga-me, ó minha mãe, como adquirir aquele espírito que havia na casa que a senhora e o papai nos fizeram, de solidariedade familiar, de tranquilidade e alegria!

— Rute, disse-lhe a mãe tìmidamente depois de refletir uns momentos, você talvez não concorde comigo — mas me parece que aquele espírito ao qual você se referiu, firma-se em nossos hábitos de adoração. Ao meu ver, provinha êle das aprazíveis e salutares horas em que ficavamos juntos, quando liamos a Palavra de Deus, oravamos e em volta ao piano cantavamos em Seu louvor.

* * *

Rute sentou-se mergulhada em suas recordações.

— Sim, respondeu pausadamente, sim, algumas de minhas melhores recordações estão ligadas a êsses momentos. A senhora se lembra, mamãe, daquela noite da Semana Santa em que no seu quarto tivemos uma reunião devocional? Eu me sentia tão descansada e de modo tão confortador... contudo, mamãe! Temo não podermos voltar àquele modo de vida.

E ela mesma não sabia compreender como seu tom de voz voltara novamente a ser áspero e cheio de ansiedade. Mas continuou:

— Os tempos agora não estão ajustados a isso. Por exemplo, a senhora há-de se lembrar de que pela manhã, cada um de nós dizia uma oração antes do café, sentados já à mesa. Uma ou duas sentenças apenas. E à noite também, depois do jan-

tar, quasi sempre tinhamos tempo para uma conversa . Imagine só eu tentar fazer isso agora em minha casa! Pela manhã cada um corre mais que o outro, gritando e procurando saber onde está isto e aquilo e meu marido com mêdo sempre de perder a hora. Quasi nunca almoçamos juntos. E no jantar, cada um sai à medida que vai terminando, tal a preocupação de não perder um minuto. O' minha mãe, nos seus dias tudo era bem mais simples!

— O' Rute querida, os tempos não se mudam tanto assim! disse a mãe sorrindo. Não era tão simples como você pensa. Eu gastava tempo em preparar tudo, mas achava que valia a pena. As orações da manhã que nos preparavam para os trabalhos do dia não levavam mais que cinco ou seis minutos. Entretanto, isso significava que eu precisava olhar para que todos se levantassem em tempo afim de tomarem o café juntos. Penso que se você pusesse seu relógio para despertar meia hora antes e fizesse todos se levantarem naquela hora, estariam à mesa para o café e para a devoção matutina, usufruindo o bem-estar da reunião da família. E a diferença, minha filha, no modo de começar o dia, far-se-ia sentir até o momento de ir para cama.

— Mamãe, (e ela mais parecia agora uma criança, ouvindo a mãe falar), a senhora costumava acordar-nos de manhã cantando, lembra-se? Brincavamos à noite de adivinhar com qual hino seriamos acordados na manhã seguinte. Mas a senhora não contava e nós acordavamos dizendo: "Ela está cantando: **Bem de manhã, embora o céu sereno...**".

— Eu havia descoberto que o canto produzia mais efeito em tirar vocês da cama do que ralhos e gritaria. Com canto o dia parecia começar melhor.

— Eu bem podia fazer isso tudo, monologava Rute. Sim, podiamos levantar um pouco mais cedo e tomar nosso cafézinho juntos depois de uns cinco minutos de oração. Mas à tarde — temos o horário tão apertado...

Mas minha filha, não era **tôdas** as noites que faziamos culto juntos. Não se lembra que aos domingos de tarde faziamos um passeiozinho? Sempre achei que nessas ocasiões as crianças aprendiam a adorar a Deus mais de perto.

* * *

— Sim, lembro-me..., e os olhos de Rute pareciam sonhar.

Nessa ocasião nem oravamos nem cantavamos, mas de volta para casa traziamos os corações cheios da bondade dum Pai celeste amoroso — e que profundo sentimento de reverência e gratidão nos despertavam as flores silvestres que apanhavamos, os passarinhos e o pôr do sol...

— **Você** podia pôr isso em prática, Rute. Ser-lhe-ia tão fácil levar a família de auto a passar umas horas no campo.

Rute sacudiu a cabeça afirmativamente.

— E quanto às horas devocionais você pode planejar e preparar tudo para duas ou três vezes na semana, com um pequeno esfôrço. Você vê, não é inteiramente fácil — não era mesmo para mim naquele tempo mais simples — pois o culto, a devoção, não deve ser um fardo para a família. Eu sempre procurava apresentar às crianças esta hora como um ato espontâneo — embora as mais espontâneas coisas tenham de ser preparadas por alguém.

— Lembro-me perfeitamente, repetiu Rute. A senhora ia ao piano e começava a cantar sòzinha. E papai logo dizia: "Êsse hino me faz lembrar desta passagem" e, abrindo a Bíblia, começava a ler.

— Mas o meu primeiro cuidado era ver se todos vocês estavam lá, disse a mãe sorrindo. E você vê, eu precisava providenciar. Às vezes não me era possível, mas quasi sempre o fazia. E você também pode, Rute. Invente alguma coisa para segurar as crianças, evitando que vão para cá e para lá antes de terminar o jantar — pode até principiar com uma sobremesa especial ou alguma surpresa. Reuna-os depois na varanda para um brinquedo ou para ouvir uma história ou conversar sôbre algum assunto da família e de interêsse geral. Como vocês se sentiam importantes com isto!

Novamente Rute sacudiu a cabeça e perguntou com verdadeira confiança filial:

— A senhora acha, mamãe, que eu serei capaz de fazer tudo isso? Meu marido, certamente me ajudará, mas com uma vida tão agitada como a nossa não será tão fácil.

— Quanto menos fácil, mais necessário, minha filha. Eu **sei** que você **pode** fazer e tenho certeza de que **vai** fazer.



O Mistério do Velho Forte

CAP. V

CARACTERES

Snr. Neves e sua espôsa que estão passando as férias em Santos.
Durval, seu filho.
Diva, sua filha.
Eurico, um menino daquelas redondezas.
O capitão, tio de Eurico.
Roberto, um menino que estava morando nas ruinas do Velho Forte.

A história de Roberto é exquisita e interessante. Poucos anos antes estava êle de viagem para o Forte à procura dum tesouro, a respeito do qual um marinheiro, agora morto, havia contado a seu pai.

Nessa viagem, o navio foi a pique, perecendo seu pai e vindo êle a ser salvo por um saltimbanco chamado Bopo.

Seu único parente vivo era um tio, cujo paradeiro desconhecia; por isso ficou morando com Bopo. Tendo seu benfeitor caído gravemente enfermo, Roberto dirige-se ao Forte na esperança de encontrar o tesouro e ter com que tratar seu bom amigo.

Enquanto as crianças exploram o Forte, convencem-se de que **alguém** está lá. Chamam o capitão, tio de Eurico e acompanham-no ao quartinho onde se escondera o desconhecido.

Enquanto estão de pé, à porta, ouvem um som, como um leve gemido.

O pequeno grupo continuou em silêncio como se esperassem ouvir novamente o gemido. E não demorou muito. O capitão virou-se imediatamente.

— Isso não é assombração! exclamou. E' gente. E' alguém que está machucado. Dêem-me uma lanterna!

— Tome a minha que é maior, disse Durval, entregando a sua.

— Eu segurarei a outra na porta, ofereceu-se Eurico.

Durval, Eurico e Diva afastaram-se para deixar passar o capitão. Atrás dêle Eurico erguia a lanterna.

Por uns instantes viram apenas os raios de luz brincando na parede; depois puderam divisar um quarto comprido e estreito, sem janela, iluminado apenas pela pouca claridade que vinha do outro quarto.

De repente viram o capitão dirigir sua luz para alguma coisa a um canto escuro. E ouviram-no dizer: "Quem é você?"

Aproximou-se mais e disse, virando-se para os meninos:

— Venham aquí, Eurico e Durval. Encontrei um homem e parece estar machucado.

Não esperaram segundo chamado. Efetivamente lá estava encolhido um homem junto à parede.

— Está sem sentidos? perguntou Diva assustada.

— Acho que apenas doente, respondeu o capitão. Vamos erguê-lo.

Seguindo suas instruções, conseguiram levá-lo ao quarto maior e deitá-lo na cama de Roberto. Tinha a aparência de um marinheiro e trazia a roupa bem limpa. Seu cabelo já era grisalho. Estava muito pálido. Não abriu os olhos e parecia não perceber que havia gente com êle. Apenas gemia baixinho.



— Seria bom pôr-lhe um pouco dágua fria na testa, disse Diva.

— Tenho aquí um balde velho, acudiu Roberto. Isso mesmo! Vou à praia buscar água.

— Espere, gritou o capitão, a água da praia vem com areia; tire mais do fundo. Leve a corda. Vá com êle, Roberto. Foi bom que eu trouxe a corda! Tomem cuidado, meninos.

Enquanto os dois foram, Diva ficou observando o doente, muito comovida.

— Parece que êle sofreu uma queda, pois a cabeça está machucada.

— Você tem um lenço? perguntou-lhe o capitão.

— Sim, mas é muito pequeno.

Durval sorriu ante a brilhante idéia:

— Vou rasgar um pedaço de minha camisa; acho que mamãe não ficará zangada.



Logo chegaram os meninos com a água. Diva banhou a cabeça do homem, com muito jeito, fez-lhe uma compressa com seu lenço e amarrou-lhe a cabeça com o pedaço da camisa do irmão.

— Pronto! Isto serve até arranjarmos coisa melhor.

De repente o homem abriu os olhos, mexeu-se um pouco e murmurou:

Eu — eu devo ter caído; devo ter caído.

Depois ,erguendo os olhos, exclamou:

— Quem está aquí?

— Seus amigos, respondeu o capitão. Parece que o senhor não está muito bom.

— Agora estou, disse, procurando sentar-se. Só que estou meio tonto.

Por momentos olhou aqueles rostos ansiosos, depois perguntou:

— Como foi que me vieram descobrir aquí?

Contaram-lhe, então, sôbre o piquenique e como se alarmaram ao encontrar fechada a porta que haviam deixado aberta.

— Foi providencial a sua vinda, disse, pois do contrário eu teria ficado lá por muito tempo.

Ninguém falou por um momento, mas era tão visível a curiosidade dêles por saber o que êle estava fazendo no forte, que o doente mesmo explicou:

— Vim aquí para receber um recado que me deixaram não há muito. Meu nome é Carlos Cunha.

Cunha! exclamou Roberto. Como! E' o meu nome!

— Há muita gente com êsse nome, disse o homem. Você mora por aquí?

— Não respondeu o menino, hesitante. Depois continuou:

— Vim também eu para receber uma espécie de recado. Não tenho nenhum parente desde que papai morreu num naufrágio.

— Que naufrágio?

— Perto desta costa, há bem poucos anos. Vinhamos para êste Forte mas veio a tempestade e pronto — papai desapareceu; eu ainda fui salvo pelas pessoas dum circo e elas cuidaram de mim.

O homem estava boquiaberto.

— Como se chama seu pai? indagou êle já noutro tom de voz.

— Gregório, respondeu Roberto.

— Então, mas será possível, então eu devo ser seu tio!

— Que! foi a exclamação dos cinco.

— O senhor é — meu tio Carlos...?" gaguejou Roberto. Oh! Eu não sabia o que fora feito do senhor! Procurei-o

e escrevi..." mas de repente a voz se lhe embargou e êle virou o rosto.

O homem passou-lhe o braço pelo pescoço.

— Então, meu rapazinho, agora está tudo direito. Quando eu soube do naufrágio pensei que você tivesse morrido. O mesmo pensou seu pai.

— O pai dêle! exclamou Diva. O senhor disse o pai dêle...? Então êle não morreu?

— Êle está vivo e muito bem, respondeu o homem.

Esta afirmação tão clara quasi lhes tirou a respiração. Foi um grito de alegria de Roberto, perguntas curiosas das crianças e grande confusão por uns momentos.

— Pois vou contar-lhes tudo, disse o Snr. Cunha. Seu pai estava passando mal e eu fui ficar com êle. Eis o motivo de suas cartas não me encontrarem. Esperavamos poder vir aquí procurar o tesouro. Mas o mapa se perdeu e não tinhamos esperança de achá-lo. Eu então resolvi vir sòzinho e vim. E enquanto o explorava foi que caí e me machuquei.

— Eu também estava procurando o tesouro! exclamou Roberto. Oh! Se o encontrassemos! Que gôzo!

Por um pouco conversaram ansiosamente sôbre a fortuna escondida, sôbre o velho marinheiro que lhes revelou o segrêdo e sôbre o pai de Roberto.

— Não seria até um sonho se eu voltasse para papai — e lhe entregasse o tesouro? exclamou Roberto.

— Maravilhoso! disse Diva. Mas de que jeito encontrar o tesouro num lugar enorme como êste?

—Poderiamos cavar, sugeriu Durval.

Eurico lançou um olhar de desespêro.

— A começar de onde? Levaria anos para explorá-lo, tin-tin por tintin.

— Bem, mas pode ser que se encontre, disse o capitão. Não vejo mal nenhum em tentar.

E, olhando para Roberto, disse.

— Alí está seu violino, filho, são e salvo.

—Você sabe tocar "O navio mestre", perguntou-lhe o tio, de repente.

— Se sei! Foi papai quem me ensinou.

— Então toque e cante, pois isso está relacionado com o mistério, disse o tio.

(*Continua*)



O leão e seu ajudante



Sabem por certo os leitorezinhos que é aquilo nas costas do leão possante! "E' um ratinho", parece-me estar a ouvir. Pois é um ratinho mesmo. Mas sabem que fez êsse ratinho, tão pequenino? Soltou o leão, o rei leão! Imaginem! Um ratinho soltar um leão! Onde já se viu? Pois foi assim:

Rugia o leão de raiva e de impotência, preso nas malhas duma forte rede. Veiu o ratinho em seu socorro, prometendo o leão não lhe fazer mal. (Vejam só os inimigos como se tornam amigos por conveniência!) Pôs-se o ratinho a roer com afinco as malhas daquela rede e em pouco, eis o leão solto.

* * *

Lição sublime, minhas crianças. Bichos de aparência pequenina mas de resultados funestos, são a mentira, a preguiça, o cigarrinho enganador, o jôgo e outros seus companheiros que corroem os bons sentimentos arrebentando as malhas dos bons hábitos e da boa educação e deixando às soltas o rei do mal.

Alerta crianças! Fora com a mentira! Fora com a preguiça! Fora com o cigarro! Fora com o jôgo!

Novo ano! Nova vida! Coragem para protestar contra estes males e, como recompensa, hão de ter um caráter forte e uma vida nobre que os honre.

CORAÇÕES GRANDES

Estando em chamas a cidade de Moscow, retirava-se Napoleão acompanhado dos restos do Grande Exército. Atravessavam as intermináveis planícies russas, tristíssimas e cobertas de neve e aínda sob a ameaça dos russos que os perseguiam na retaguarda. Esta marcha, que se deu no inverno de 1812 tornou-se memorável pelos seus horrores.

Os pobres homens mal se arrastavam, exhaustos, quasi mortos de fome, sono, cansaço e frio. Eram soldados franceses, alemães, polacos, italianos, filhos dos países subjugados pelo gênio guerreiro de Napoleão.

E' em tais circunstâncias que vamos encontrar um punhado de corações nobres, que merecem ser conhecidos pelos bem-te-vistas.

Achava-se entre êles o príncipe alemão, Emílio de Hesse Darmstadt, à frente de um manípulo de dez homens, os poucos que restavam dos mil que comandava semanas antes.

Ao anoitecer chegaram à uma cabana tôda queimada, cujos restos eram ruinas denegridas. O príncipe Emílio, animando seus homens, disse:

"Queridos irmãos, vamos descansar aquí, com fé em Deus que, seja na terra ou não que acordemos, suportamos com coragem e até ao fim, a nossa parte dêstes trabalhos e sofrimentos".

Deitaram-se e o príncipe Emílio adormeceu logo. Teve sonhos agradáveis em que rostos amigos se inclinavam sôbre êle.

Quando afinal, acordou na madrugada seguinte, descansado, bem quentinho e refeitas as fôrças, não pôde no momento atinar onde estava. Olhou em derredor mas não viu ninguém por alí entre as ruinas. Só então percebeu haver dormido sob um montão de capotes que reconheceu serem os de seus soldados. Porém, com o clarear do dia viu que, à entrada da ruina, no vão da porta se amontoavam os corpos gelados de seus soldados amigos, que, para lhe salvarem a vida, haviam sacrificado a sua.



A América para os Americanos

(ADAPT.)

(Representação para a Amizade Internacional)

Uma sala de visitas numa casa americana tendo: uma mesa com livros, revistas e jornais; outra mesa com chícaras, um telefônio, um rádio, dois tapetes, um trenzinho de brinquedo, uma estatueta, discos, um chale de seda e cortinas.

Helena — Sei que está em algum jornal. Papai leu ontem em voz alta. E' horrível.

Carmen — Deixe-me procurar também.

As duas meninas ansiosas sentam-se perto da mesa e passam os olhos pelos jornais.

Helena — O título é mais ou menos assim: A América para os Americanos.

Carmen — Isso mesmo! Está aquí. Alarmante! Duas mortes.

Helena — Pois é. E foi numa dessas ruas alí em baixo, onde há tantos estrangeiros. Foi quasi uma guerra. Veja aquí.

Algumas folhas caem no chão enquanto ela lê alto e compassadamente:

Helena — A América para os americanos — Tiros à vontade nos quarteirões de estrangeiros.

As duas leem agora em silêncio

Carmen — Mas é horrível!

Helena — Não se admira de o redator escrever: "A América para os Americanos". Eu, por mim, queria que todos os estrangeiros voltassem a seus respectivos paises de mala em punho.

Enquanto Helena fala, mexe com seu anel no dedo, inconcientemente.

Helena — (erguendo a mão e examinando o dedo, assustada). Ai! meu anel me picou o dedo! Que você pensa que vem a ser isso?

Carmen — (*rindo*) — Deixe-me ver: Quem sabe seu anel está virando mágico como o daquela história que lemos ontem. Qual foi o seu último desejo?

Helena — Já nem me lembro (*Pensa*). Oh! Desejei que todos os estrangeiros voltassem a seus respectivos paises.

Ouve-se bater à porta ou tocar a campainha. Helena corre à porta mas volta alguns passos ao ver entrar o agente. Carmen adianta-se para recebê-lo; êle, porém, vai entrando e pára perto da mesa. As duas meninas param também perto da mesa.

Agente: Sou o agente de despachos da firma "Pensamentos sem amor".

Carmen — O senhor deve ter o endereço errado. Não temos nenhuma encomenda a despachar.

Agente (lendo o endereço) Avenida Paulista 2.320. Não é aquí?

Carmen — E' aquí, mas ninguém vai embarcar.

Agente (lendo a ordem recebida) Minha ordem diz: "Chamado à Avenida Paulista 2.320. Providências estão sendo tomadas para mandar todos os estrangeiros da América a suas próprias terras, de mala em punho. Esta firma está preparada a estudar cuidadosamente a questão de despachos e tomar tôdas as providências necessárias." Peço-lhes agora, senhoritas, que me dêem licença de passar os olhos por tudo e fazer um relatório para apresentá-lo a meu chefe e em poucos minutos estarei de volta com minha fôrça para executar as ordens.

Helena e Carmen entreolham-se cheias de espanto. O agente anda ràpidamente pela sala. Olha o telefônio, a vitrola, o rádio, os tapetes, o jôgo de chá e vários

outros objetos. Com muita ligeireza assenta tudo numa caderneta. Depois pára em frente às mocinhas, em atitude de respeito, boné nas mãos :

Agente — Peço-lhes, senhoritas, um pouco de paciência ; minha fôrça estará aquí em poucos minutos para fazer o despacho sem perda de tempo.

O agente dirige-se à porta e sai apressado. Carmen e Helena tomam fôlego :

Helena : Barbaridade ! Estarei sonhando? Já se viu coisa assim?

Carmen — Que vem a ser tudo isso?

Helena — Parece que começamos alguma coisa. Talvez meu anel se tenha tornado mágico, mas embora meu desejo tenha sido de que os estrangeiros voltem a suas respectivas pátrias, de mala e tudo, não sei que aquele homem vai encontrar aquí vindo de fora. Tudo aquí é nosso, comprado nesta mesma cidade.

Ouve-se tocar a campainha ou palmas. Helena e Carmen correm à porta, mas estacam assustadas ao ver entrar o agente e mais 12 ajudantes (meninos e meninas) de gorro ou bonézinho. Dá-lhes ordens com presteza, segundo as instruções duma tira de papel.

Agente — Número um, pegue o telefônio.

Helena — O telefônio? Como ousa o senhor tocar em nosso telefônio? É nosso, muito nosso, e nenhum estrangeiro não tem nada com êle.

Agente — Agora a Senhorita não pode interferir. Minhas instruções são claríssimas. A senhora mesma pode lê-las. (*Helena olha as ordens enquanto êle as lê*) : "Todos os telefônios vão ser despachados para a Escócia porque Alexandre Graham Bell, que inventou o telefônio, era escocês.

Número um corre para o telefônio, faz que o desliga e sai com êle, enquanto Helena e Carmen fazem gestos de admiração

Agente — Número dois, ajunte todos os jornais e livros.

Helena corre e pega nuns volumes da mesa e Carmen tenta pegar uns dos jornais.

Número dois adianta-se para elas.

Agente — Senhoritas, não atrapalhem meus homens ; minhas ordens precisam ser obedecidas. "Tôdas as publicações estão incluidas no despacho para Alemanha por causa de João Gutenberg, o alemão, que foi quem inventou os tipos móveis para imprimir".

Número dois pega os livros e jornais de Helena e Carmen, ajunta as outras revistas e livros da mesa e sai apressado.

Agente — Número três, vá pegando o que vai para a Itália. Comece com o rádio.

Carmen corre para êle como se fôsse agarrá-lo.

Carmen — Ah ! Não ! Isso não ! Tenha paciência. Não faz nem uma semana que o comprámos e não podemos perdê-lo. Gostamos imensamente de ouví-lo !

Agente — (lendo as ordens em sua caderneta). As senhoritas mesmas, leiam aquí. "O rádio e todos os aparelhos sem fio serão despachados para a Itália, por causa de Marconi, o inventor italiano, que descobriu as possibilidades de transmissão de mensagens por meio de aparelhos sem fio e entregou-as ao mundo.

Número três pega o rádio e apressa-se em sair.

Agente — Vamos ! Número quatro, pegue os tapetes e enrole-os. Dois vão para a Persia e dois, para a China. No carregamento para a China, ponha tôda a louça de porcelana que está na mesa.

Carmen — Imaginem ! Tirar nossa louça ! Tenha a bondade de não tocar nelas.

Agente — (*para o número quatro*). Execute minhas ordens. (*Dirigindo-se a Carmen*). Triste ignorância ! Não sabe a senhorita que a porcelana nos vem da China?

Número quatro desaparece carregando a louça.

Helena — Barbaridade ! Quero só ver o que nos vão deixar !

Agente — Número cinco, ponha aquele trenzinho no seu devido carregamento, de onde veio.

Carmen — Êsse trenzinho veio da loja de meu tio aquí mesmo nesta cidade e é de meu irmãozinho ; é seu brinquedo predileto. Ele ficará tristíssimo se lh'o tirarem.

Agente — (lendo em sua caderneta) : — Tudo o que estiver relacionado com locomotivas vai para a Inglaterra por causa de George Stephenson, o inglês que inventou a primeira locomotiva".

Número cinco pega o trenzinho e sai depressa.

Agente — Número seis, pegue aquela estatueta.

Helena — Ah ! sim ! Agora o senhor se enganou. Esta é do Barão de Rio Branco, muito brasileiro, de quem o Brasil se orgulha.

Agente — (lendo a caderneta de ordens). Um instante, senhorita, um instante. O monumento ao Barão de Rio Branco erigido no Rio de Janeiro é trabalho de *Charpentier*, escultor francês. E tôdas as reproduções dêle feitas, devem por conseguinte, ser incluidas

no carregamento para a França, berço de *Charpentier*.

Agente — Número sete, espalhe os discos de vitrola.

Número sete olha os discos que estão numa estantezinha).

Número sete — O Minueto de Paderewski vai?

Agente — Sim, vai para a Polônia, terra natal de Paderewsky.

Número sete — E a Marcha Nupcial de Lohengrin?

Agente — Êsse vai para a Alemanha.

Número sete — E O Trovador?

Agente — Oh! Esse é de Verdi. Vai para a Itália. Vá você mesmo examinando os outros pelo catálogo e ponha tudo devidamente distribuido.

Helena — Isto é demais!

Carmen — Até onde irá isso?

Agente — (*folheando a caderneta*). Senhoritas, tenho muitas ordens mais. Aínda não se fez nem metade. Parte do seu carvão vai para a Inglaterra e outros paises por causa dos mineiros de terras européias que trabalham nas minas. Seu paletó de lã vai para a Austrália. Seu *echarpe* e a cortina daquela janela voltam para o Japão. E seu broche de marfim, para a Africa.

Helena — Oh! Por favor, chega. Já compreendo agora. Quisera eu nunca ter desejado que voltassem os estrangeiros a suas terras, com bagagem e tudo

Carmen — Será que aínda está em tempo? E se desejassemos novamente que êles voltassem de mala em punho?

Agente — Não tenho autoridade para dar-lhes uma resposta. Poderei, no entanto, consultar meu chefe e mandar avisá-las. Vou ver.

O agente sai, dando sinal para seus homens seguirem-no, pois ali estavam de volta à espera de novas ordens.

Entram uns dois ou três índios, quasi sem fôlego, em virtude da pressa com que vieram.

Indio — Quasi que chegamos tarde. Os homens vermelhos ouviram falar que todos os estrangeiros, de mala em punho, deixaram a América. (*Apontando Helena e Carmen*) Senhoritas estrangeiras, vão também? América para os americanos! Só o homem vermelho é americano verdadeiro. Todos os demais são estrangeiros. Afinal os índios vão rehaver para si sós, sua terra querida. América para os índios outra vez!

Os índios encruzam os braços e ficam esperando.

Helena e Carmen sobremodo admiradas, olham para êles.

Helena — Minha vida! Que virá depois disto!

Carmen — (para os índios). Mas nós não podemos ir. Nossos pais e avós trabalharam com afinco para a América.

Indios — O mesmo dizem todos: os italianos, os espanhois, os ingleses, os franceses, os africanos e até os japoneses o dizem. E todos já se foram. Agora vão as senhoritas. Como dizem os brancos: "Dá o fora", não é? Pois então, nós lhes dizemos: "Dêem o fora".

Os índios fazem gestos de mandá-las sair, com mostras de grande satisfação. Carmen e Helena erguem os braços em protestos e ficam desesperadas.

Helena — Como eu queria que todos êles voltassem de mala em punho.

Entra o agente muito apressado.

Agente — Todos vêm voltando!

Helena e Carmen — O que?

Agente — Upa! Todos e tudo. Voltando. Quanto trabalho!

Carmen — (*olhando para a entrada*). Vêm mesmo! Eles vêm vindo!

Entram os auxiliares, recolocando tudo. Helena e Carmen batem palmas de alegria. Os índios profundamente tristes sacodem a cabeça e saem.

Helena — (*para os índios*). Não fiquem tristes. Havemos de ser, depois disto, muito bons estrangeiros e ser-lhes-emos um benefício, pois bem vêm o quanto aprendemos hoje.

Carmen (*para o agente*). Nem sabemos expressar-lhe os nossos agradecimentos por nos haver trazido tudo novamente, mas estamos profunda e sinceramente agradecidas.

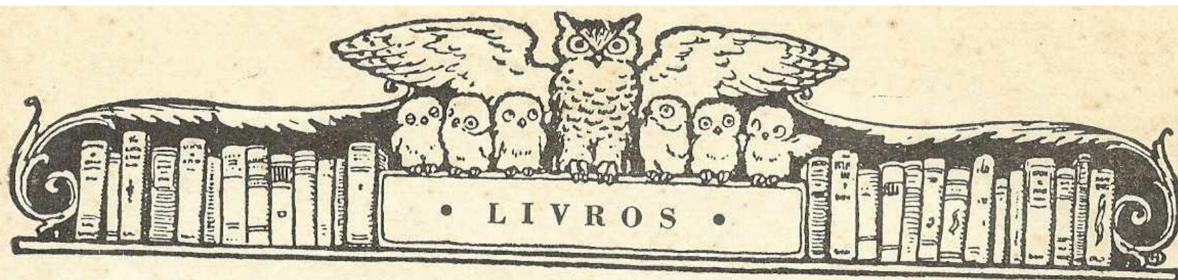
(*O agente cumprimenta-as e sai com seus auxiliares*). Não havemos de incomodá-lo mais.

Helena — (*dirigindo-se a Carmen, no momento em que ficam sós*). Carmen, que você diz de tudo isso?

Para falar a verdade, eu não sei se estava sonhando ou não.

Carmen — Uma coisa pelo menos eu sei: — é que nunca mais vou chamar a firma dos "Pensamentos sem amor" para nenhum serviço.

Helena — (saem as duas devagar, pensativas e intimamente alegres). Isso mesmo. Nunca mais. A lição foi dura mas valeu a pena.



quem é que sabe?

1) Completar : *Espera no Senhor, anima-te e êle...*
2) Qual é o autor da poesia : Navio negreiro.
3) Onde nasce o rio Amazonas ?
4) Que é que sempre anda em 2 pés e não é nem gente nem bicho ?
5) Em que país não se encontra nenhum ser do sexo feminino ?
6) Qual é a ave que tem a cauda mais comprida ?
7) Que célebre orador da antiguidade era gago ?
8) Quem se desculpou de não poder falar com o rei Faraó por ser gago ?
9) Que diferença há entre pegada e pègada ?
10) Que é guano ?
11) Que é minuano ?
12) Que nome se dá às palavras parecidas apenas, como por exemplo eminência e iminência ?
13) Que planalto é chamado *Tecto do Mundo* ?
14) Se um tijolo pesa dois quilos mais meio tijolo, quanto pesam dois tijolos ?
15) Qual o homem mais forte de que nos fala a Bíblia ? E o mais sábio ?

Respostas às perguntas de Dezembro :

1) *Fazei-o assim tambem vós a êles.*
2) Luvas.
3) Amor-perfeito.
4) Castanha.
5) Vermelho.
6) Rio de Janeiro.
7) Dormem.
8) Sim, faltando apenas romper a gengiva.
9) $^1/_{13}$ de seu pêso é o pêso do sangue.
10) Os peixes não fecham os olhos, pois em geral não têm pálpebras. Outros animais há nas mesmas condições.
11) Lutécia.
12) De Parísios, tribu gauleza que habitava Lutécia.
13) Fotografia.
14) Renová-la quanto antes, enviando 10$000 à Av. Condessa de S. Joaquim, 155.
15) Num domingo.

OS DEDOS

Mendinho,
Seu vizinho,
Pai de todos,
Fura-bolos,
Mata-piolhos.

A CANÇÃO DOS DEDOS. — (Popular).
Êste quer pão;
Êste diz: "Não há";
Êste diz: "Vamos roubá-lo!";
Êste diz: "Alto lá!";
Êste: "Amanhã Deus o dará".

LA CHANSON DES DOIGTS — (Mlle. Brès).
Le premier dit: J'ai grand faim.
Le second: Il faut du pain.
L'autre dit: Je n'en ai guère.
Le voisin dit: Comment faire?
Le petit dit: Savez vous?
Il nous faut travailler tous!..

A CANÇÃO DOS DEDOS — (Agostinho de Campos).
Diz o Polegar: Quero pão!
E o Vizinho: Que fazer?
Pai de todos: Vamos ver...
O quarto diz: Mendiguemos!
Grita o Meiminho: Isso não!
Trabalhemos, comeremos.

CONVERSA DOS DEDOS — (Roberto Corrêa Pinto).
Querem saber os segredos
Que em conversa ouvi dos dedos?...
Fala o Maior, mais pimpão:
— "Tenho fome! Quero pão!"
Responde o Pol'gar — "Não há,
Mas deixa estar... Deus dará!"
E o dos anéis, que é madraço:
— "Pede-se a alguém um pedaço..."
— "Ou furtar-se, ainda é melhor",
(Lembra o mau Indicador),
Fala então lá do cantinho
O mais pequeno, o Meiminho,
E diz, com muito bons modos:
— "E se nós fôssemos todos,
Bem unidos, trabalhar?..."
Isto assim é que é falar!